



CORPO-CAIXA: TECENDO POESIAS DANÇANTES

MARTINS, Leticia ¹
VIDOR, Heloise Baurich ²

Grupo de Trabalho (GT): Infâncias, Juventudes e Processos Educativos.

RESUMO

Corpo-caixa: tecendo poesias dançantes é uma pesquisa de mestrado que investiga possibilidades de um pensar/fazer dança na escola sob uma perspectiva decolonial, entrelaçando literatura, corpo e infâncias em experiências sensíveis. Desenvolvida com uma turma do 2º ano do Ensino Fundamental em uma escola municipal de Florianópolis/SC, parte do conto africano *Obax* (2010), de André Neves, para provocar deslocamentos de tempo e espaço no cotidiano escolar. A narrativa literária e as materialidades mobilizadas ativam memórias, afetos e criações poéticas. Inspirada em Jacques Rancière (2010), a pesquisa concebe a escola como espaço de suspensão do tempo produtivista, onde a dança possa emergir como linguagem de expressão e emancipação. Com base em aportes decoloniais, como Krenak (2022) e Mignolo (2007), propõe uma escuta atenta das infâncias, reconhecendo suas potências e saberes. Corpos que dançam lembranças, que transbordam de suas caixas e reinventam o mundo em poesia.

Palavras-chave: Decolonialidade. Infâncias. Dança. Corpo. Literatura.

INTRODUÇÃO

A pesquisa **Corpo-caixa: tecendo poesias dançantes** investiga estratégias de um pensar-fazer pedagógico da dança na escola, a partir das inter-relações entre literatura, corpo e infâncias, sob uma perspectiva decolonial. Desenvolvida no contexto do curso de mestrado do PROFARTES/UDESC, vem sendo realizada com uma turma do 2º ano do Ensino Fundamental da EBM Zulma Freitas de Souza, em Florianópolis/SC. A proposta convida a pensar o corpo e a escola como territórios de imaginação, sensibilidade e presença, apostando na criação de experiências estéticas-poéticas no cotidiano escolar.

Revisitar o papel da dança na escola tem se mostrado urgente, sobretudo diante dos descompassos entre arte e ensino que ainda persistem. Ao ser compreendida como campo artístico de expressão coletiva, a dança torna-se potente aliada da educação, especialmente quando dialoga com o mundo e com as histórias que atravessam os corpos. Assim, ensinar apenas a técnica do movimento não basta.

¹ Universidade do Estado de Santa Catarina – Curso de Mestrado Profissional em Artes/Profartes, CEART. Florianópolis/SC. Bolsa PROMOP com recursos da UDESC. Email: leticiamovimento@gmail.com.

² Universidade do Estado de Santa Catarina – Orientadora. Email: heloisebvidor@gmail.com.





É preciso que o ensino da dança esteja conectado às experiências, memórias, afetos e lutas dos sujeitos que dançam.

A pesquisa busca, portanto, tecer abordagens que permitam problematizar, criticar, articular e reinventar as relações entre dança, ensino e sociedade. Como criar, no espaço escolar, condições para que os corpos dançam suas histórias, rompendo com as lógicas normativas e coloniais ainda presentes na educação? Que danças emergem quando escutamos as infâncias em suas potências poéticas, imaginativas e corporais?

O conto africano *Obax*, de André Neves (2010), orienta essas reflexões ao apresentar uma menina que transforma o tempo e o espaço com sua imaginação. O tempo das infâncias — que escapa às cronologias adultocêntricas e convida à experiência de um tempo ampliado, feito de pausas, desvios, imaginação e corpo em presença. A infância, que à luz da Sociologia da Infância, é reconhecida como categoria social plural e criativa, capaz de afetar o mundo, assim como a dança, habita a dobra do tempo produtivo: é acontecimento, respiração, abertura ao sensível. É nesse campo que o conceito de *skholé* ganha potência. Derivado do grego antigo, *skholé* remete à ideia de tempo livre, pausa, atenção e cuidado — e é justamente essa a noção que Masschelein e Simons (2014) resgatam ao defender uma escola que suspende o tempo do mundo para tornar possível o encontro com o comum. A escola, assim, deixa de ser mera preparação para o futuro e passa a ser espaço onde os sujeitos podem habitar o tempo de forma sensível, sem a pressão da utilidade ou do desempenho. Rancière (2010) também se insere nesse debate ao propor a escola como lugar de emancipação intelectual, onde todas as inteligências são reconhecidas em sua igualdade. Para ele, educar é interromper a ordem hierárquica do saber e criar uma cena comum, em que se compartilha não apenas o conhecimento, mas também o tempo — esse tempo que dança entre as infâncias e o pensamento, entre o gesto e a palavra. Pensar a escola como *skholé*, portanto, é apostar num tempo que se alonga, que escuta e que permite que o novo emergja com as crianças, com seus corpos e com suas poéticas.

Dessa maneira, junto à *Obax*, as crianças carregam seus corpos-caixas como corpos-territórios. Utilizando caixas de papelão como uma das materialidades exploradas — caixas que vêm e vão entre casa e escola — trazem suas histórias e, junto delas, suas individualidades e ancestralidades, que ao serem revisitadas, se





transbordam em potências criativas e coletivas. Corpos dançantes que, na forma-escola, sonham mundos possíveis e constroem contranarrativas que espiralam os tempos e ressignificam os espaços. Como o Baobá, que sustenta a memória ancestral, a dança pode ser experiência de afetação e reinvenção da vida (Krenak, 2022). Dessa forma, a pesquisa propõe diálogos entre literatura, corpo e infâncias, com ênfase em uma abordagem decolonial no ensino de dança. Que *Obax*, enquanto literatura antirracista, promova reflexões epistemológicas e contribua para o enfrentamento de lógicas coloniais, eurocêtricas e adultocêtricas. E que, desses encontros, surjam práticas pedagógicas emancipadoras que permitam aos corpos dançar seus próprios mundos — corpos além das caixas. Corpos em poesia.

OBJETIVOS

Investigar estratégias de um pensar-fazer pedagógico da dança na escola a partir das inter-relações entre literatura, corpo e infâncias, sob uma perspectiva decolonial da educação.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A pesquisa se ancora em uma perspectiva decolonial que questiona os modelos eurocêtricos e adultocêtricos historicamente instituídos na educação, propondo a valorização de outros saberes, tempos e formas de existência. Com base na Sociologia da Infância (Sarmiento, 2005), compreende-se a criança como sujeito social ativo, produtor de cultura, cujas experiências e expressões revelam a pluralidade das infâncias em seus diversos contextos socioculturais.

No campo da dança, Isabel Marques (2010) propõe um ensino que valorize a diversidade corporal e a escuta, em oposição aos modelos normativos e técnicos. A dança, nesse sentido, não é apenas movimento, mas uma linguagem estética e política, que ativa o corpo como lugar de memória, afeto e criação. Dialogando com Larrosa (2016), a pesquisa compreende a experiência como aquilo que nos afeta e nos transforma, exigindo presença, escuta e lentidão — qualidades que se aproximam do tempo das infâncias.





Essa concepção se alinha à noção de escola como espaço de *skholé* — tempo livre, de suspensão da lógica produtivista — tal como propõem Masschelein e Simons (2014). A escola, nesse entendimento, pode se tornar lugar de desaceleração e encontro com o sensível, onde a dança e a literatura ganham centralidade como práticas formativas.

Jacques Rancière (2010) reforça essa aposta ao defender uma escola orientada pela igualdade das inteligências, onde todos são capazes de aprender e partilhar um mundo comum. Sua concepção de emancipação ressoa com o projeto, que reconhece no corpo dançante um meio de acesso ao conhecimento e à expressão de si, deslocando hierarquias tradicionais entre saberes.

A literatura afrocentrada — como o conto *Obax* (Neves, 2010) — atua como dispositivo poético que tensiona estruturas coloniais, ativando nos corpos infantis memórias, ancestralidades e afetos. Como afirma Lélia Gonzalez (2020), valorizar a oralidade e as heranças africanas é um ato político de resistência ao epistemicídio. Essa perspectiva é reforçada pela pedagogia crítica de Paulo Freire (1996), que defende o afeto, o diálogo e o engajamento como fundamentos de uma educação libertadora, e por bell hooks (2013), para quem a sala de aula é espaço de liberdade e inteireza dos corpos.

Ailton Krenak (2022), ao convidar-nos a desacelerar e imaginar outros mundos, inspira a pesquisa a pensar a escola como território de experiência e transformação — onde a dança, ao invés de ser disciplinada, possa brotar como criação, ancestralidade e reexistência.

Por fim, o diálogo entre literatura, corpo e infâncias é sustentado por uma perspectiva estética e sensível da educação. A leitura literária é entendida, aqui, como uma experiência encarnada, em que o corpo lê, sente e se expressa. Nesse sentido, Heloise Baurich Vidor (2016), em *Leitura e Teatro: aproximação e apropriação do texto literário*, propõe uma articulação entre a leitura e a cena teatral como forma de dar corpo à palavra escrita, promovendo uma relação afetiva e inventiva com a linguagem. Sua abordagem contribui para pensar a dança como desdobramento poético da leitura — movimento, gesto e imaginação — em consonância com os aportes de Sarmiento, Rancière e Mignolo, ao conceber o corpo como território de saberes e a escola como espaço de criação e emancipação.





PROCEDIMENTOS ÉTICOS E METODOLÓGICOS

A pesquisa adota abordagem qualitativa, fenomenológica e participativa, por compreender que as experiências das infâncias exigem escuta atenta, sensível e situada (Taylor e Bogdan, 1997). O campo é composto por uma turma com 10 estudantes do 2º ano do Ensino Fundamental da rede pública municipal de Florianópolis/SC.

Três frentes principais estruturam a metodologia: levantamento bibliográfico sobre Sociologia da Infância, saberes decoloniais, literatura afrocentrada, dança e subjetividade; observação participativa e sensível do cotidiano escolar; análise reflexiva da prática pedagógica, com foco em experiências estéticas e políticas.

A abordagem é inspirada na pedagogia freiriana, que reconhece o estudante como sujeito ativo da transformação. As propostas partem da escuta do grupo e de seus contextos, afetos, desejos e memórias.

Os principais dispositivos poéticos e pedagógicos são o conto *Obax* e as caixas de papelão, utilizadas como espaços de criação, construção, abrigo e invenção. Dentro e fora das caixas, as crianças serão convidadas a experimentar o corpo em movimento, explorando diferentes possibilidades expressivas.

As atividades dialogam com a Dança Criativa e os estudos do movimento de Rudolf Laban, estimulando formas, níveis e qualidades de movimento no espaço pessoal (kinesfera). Também serão incorporadas abordagens somáticas, promovendo a escuta corporal e a consciência anatômica e expressiva.

A análise dos dados será subjetiva, centrada nas vivências individuais e coletivas das crianças. Os registros serão compostos por observações, conversas espontâneas, jogos, entrevistas, rodas de conversa, fotografias, vídeos, produções materiais e narrativas trazidas pelas crianças e suas famílias. A escuta das infâncias será tratada como produção de conhecimento em si, valorizando os sentidos que emergem do corpo em movimento e das experiências vividas.

RESULTADOS





Por se tratar de uma pesquisa inicial, os resultados a serem apresentados são parciais. Dentre eles, a escuta inicial — “olhar e receber” — revelou as singularidades do grupo e orientou o planejamento das práticas pedagógicas. A etapa seguinte explorou o corpo-caixa, promovendo vivências que despertaram os sentidos e a consciência corporal.

As propostas incluíram o reconhecimento da estrutura corporal externa (ossos, articulações, tronco, membros) e interna (os cinco sentidos), além do uso do espaço pessoal (formas e níveis de movimento). As atividades foram conduzidas por meio de jogos e improvisações, despertando no grupo a presença, a imaginação e a criação.

As caixas foram ressignificadas como esconderijos, pontes e castelos. Os corpos se tornaram casas, objetos poéticos e dançantes. A escola passou a ser habitada por outras temporalidades: mais lentas, mais sensíveis, mais abertas à escuta e ao encontro.

Mesmo antes da fase formal de coleta de dados, esses movimentos iniciais evidenciam o potencial criativo das infâncias e sua capacidade de transformar o espaço escolar em território de poética e liberdade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa **Corpo-caixa: tecendo poesias dançantes** aposta na potência da dança como linguagem de escuta, encontro e criação. Em diálogo com a literatura, com os saberes ancestrais e com os desejos das infâncias, o projeto propõe um ensino sensível e emancipador, em que a escola se torna espaço para imaginar outros mundos.

Ao provocar deslocamentos no tempo-espaço escolar, o corpo passa a ser lugar de memória, sonho e invenção. Dançar, nesse contexto, é também lembrar, resistir e transformar.

Que os corpos possam escolher a dança que querem dançar. Que as caixas se abram em mundos possíveis. E que da escola brotem experiências capazes de reencantar a vida.





REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 35. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GONZALEZ, Lélia. A categoria político-cultural de amefricanidade. In: GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano**. Organização: Flávia Rios e Márcia Lima. Rio de Janeiro: Zahar, 2020. p. 59–70.

HOOKS, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. Trad. Sandra Regina Haydu. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.

KRENAK, Ailton. **A vida não é útil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

LARROSA, Jorge. **Tremores: escritos sobre experiência**. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

LABAN, Rudolf. **Domínios do movimento**. São Paulo: Summus, 1978.

MARQUES, Isabel A. C. Práticas artísticas e ensino da dança: para além da técnica e da disciplina. In: MARQUES, Isabel A. C. (org.). **Ensino de dança hoje**. São Paulo: Cortez, 2010. p. 15-34.

MASSCHELEIN, Jan; SIMONS, Maarten. **A escola e a lógica da emancipação: uma política da experiência sensível**. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

MIGNOLO, Walter D. **A opção decolonial: desprendimentos e aberturas**. In: CASTRO-GÓMEZ, Santiago; GROSGOUEL, Ramón (org.). **Pensamento decolonial: contribuições latino-americanas à crítica do colonialismo moderno**. 1. ed. Rio de Janeiro: PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2007. p. 25–46.

NEVES, André. **Obax**. São Paulo: Brinque-Book, 2010.

RANCIÈRE, Jacques. **O mestre ignorante: cinco lições sobre a emancipação intelectual**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

SARMENTO, Manuel Jacinto. As culturas da infância nas encruzilhadas da segunda modernidade. In: QVORTRUP, Jens et al. **Sociologia da infância**. Porto Alegre: Artmed, 2005. p. 135-166.

TAYLOR, Steven J.; BOGDAN, Robert. **Introdução à pesquisa qualitativa: métodos e perspectivas**. Porto Alegre: Bookman, 1997.

VIDOR, Heloise Baurich. **Leitura e teatro: aproximação e apropriação do texto literário**. São Paulo: Hucitec, 2016.

